

APRESENTAÇÃO

REVOLUÇÕES SOB A FORMA DA LINGUAGEM

Neste número de *Miscelânea* prevalece a análise de variadas formas textuais, que sugerem resistência por intermédio da palavra. Esse é um feito digno de nota, tendo em vista as múltiplas formas com que o discurso democrático tem sido sabotado em nosso país e na América Latina, para restringir a questão ao mínimo. Em sua vigésima edição, a *Miscelânea* renova o propósito de se adequar ao significado de seu nome, permitindo a reflexão ampla sobre o alcance do tema nas formas literárias em prosa.

A literatura desponta como arte em que tudo cabe: da palavra superficial ao falso devaneio proposto pelo capital; do sonho que não se concretiza ao pensamento de mão única, tudo pode ser matéria de contestação. Isso pode contagiar o leitor, lembrando o seu papel ético e estético e a necessidade de equilibrar palavra e revolução, forma e subversão.

Eric Hobsbawm nos ensinou a ver o século XIX como um produto da “dupla revolução” (francesa e industrial) do período imediatamente anterior, e afirma também que a teia da história não pode ser tomada pelos fios separados, posto que seria destruída, contudo uma subdivisão de assuntos é necessária por motivos práticos. Sendo assim, as seções deste volume seguem uma ordem que retoma, de certo modo, aspectos da proposta inicial, exposta na chamada de artigos, mas respeita os objetos de análise dos autores. Se há um irresistível ímpeto de renovação na literatura, partimos do século XIX para evidenciar tal estímulo pelo século XX adentro.

Raquel Pedroso e Gabriela Betella percorrem as configurações do narrador machadiano para evidenciar, por meio da composição das emoções, suas filiações com a tradição literária e filosófica universal, bem como a superação do legado romântico, numa interpretação bastante inovadora de *Helena*, romance de 1876. Ravel Paz apresenta relações entre a tragédia e a comédia nas últimas peças de Anton Tchekhov, mas se debruça sobretudo numa análise do trabalho como motivo literário, à luz da espectropoética de Derrida. Magda de Mello sugere um produtivo diálogo entre Machado de Assis e Sigmund Freud, a partir da análise de *Esau e Jacó* que considera alguns preceitos da psicanálise. Andreia Carneiro e Adeíto Pinho mostram que a assunção de *O Guarani* representou um dos primeiros fenômenos de disseminação em larga escala no Brasil Oitocentista. Dayane Mussulini e Daniela Callipo detectam as tênues fronteiras entre representação e verdade em um conto epistolar machadiano.

Ao final da seção, de maneira a distinguir um modo de ver a transição para o século XX por meio de um ponto de vista literário revolucionário, Jessica Oliveira e Marcia Medeiros examinam Joseph Sheridan Le Fanu, mestre do gótico na Era Vitoriana, por meio de enredos e personagens em que se observam temas da sexualidade e homossexualidade femininas. Renato Santos encerra o tópico com um panorama literário do romantismo em língua inglesa, detendo-se precisamente no caráter de rebeldia, de reformismo e de revolução para a análise de autores consagrados.

A segunda e terceira seções mergulham no “século breve”, a partir dos autores de língua portuguesa e, em seguida, com autores de língua galega, espanhola, alemã e inglesa. A seu turno, Lilian Jacoto aborda a poesia de Fernando Pessoa sob a ótica da suspeição, problematizando o conceito de negação na obra do versificador português. Por sua vez, Fabiano da Silva Santos mostra inegáveis conexões entre Mário de Andrade e Charles Baudelaire: escritores e pensadores que sintetizaram as faces múltiplas e contraditórias do homem moderno. Francisco Marques e André Borba abordam a presença do negro nas crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues e a manipulação da imagem do herói popular de um tempo e de uma coletividade. Patrícia Nakagome parte da relação entre a obra de Jorge Amado e o acento revolucionário para apontar, em *Mar morto*, um sentido plural de revolução nas personagens do escritor baiano. Thiago Leite investiga as nuances da infâmia em um conto de Bernardo Élis, por meio de seu protagonista. Andrea Muraro extrapola os limites do país, ao abordar a trilogia do angolano Ruy Duarte de Carvalho. André Gomes de Jesus concentra esforços em uma bela análise sobre a prosa de Caio Fernando Abreu.

Delia Cambeiro e Jacicarla Silva nos conduzem pela literatura galega e espanhola (catalã) por meio da relevância das obras de Carlos Casares Mouriño e Mercè Rodoreda em sua relação com a Guerra Civil Espanhola. Nos interstícios entre a história e o universo ficcional, Patrícia Baialuna de Andrade discute as diferentes modalidades discursivas produzidas por intelectuais e jornalistas, exilados durante a implantação do nazismo, na Alemanha. Já Tiago Silva e Roland Walter resgatam as legendárias histórias do velho Oeste estadunidense, dedicando-se à análise da obra do escritor contemporâneo Tom Spanbauer. Ivoneide Soares de Jesus e Vinícius Carvalho Pereira abordam o *mashup* como fenômeno editorial que estimula a recriação de obras pertencentes ao cânon literário, como é o caso da romancista Jane Austen.

Os temas abordados pelos colaboradores reverberam a força e a amplitude do discurso literário, o que se percebe no contato entre a ficção e as diferentes artes e áreas do conhecimento. Sob a forma da prosa e da poesia, produzidas entre os séculos XIX e XX, os artigos permitem-nos

afirmar que a literatura é uma arte rica e permeável, capaz de suscitar múltiplas formas de resistência.

Agradecemos aos autores por nos confiarem suas reflexões densas e de qualidade. Estamos confiantes de entregar ao leitor um material de leitura prazerosa e útil, capaz de fortalecer nele a solidariedade, contraparte do efetivo espírito democrático. É possível que o contato com esse número constitua uma tarefa revolucionária. Os artigos aqui reunidos também relembram o papel do intelectual na sociedade do consumo: sujeitos capazes de apontar outras possibilidades de existência.

Que esse volume nos aparelhe contra as amarras do lugar-comum, os abusos do poder e a falácia institucionalizada, por intermédio do legítimo discurso de resistência, no âmbito da cultura. Não será demasiado lembrar que o dado ético participa da composição estética: síntese vigorosa que harmoniza o fazer literário e o juízo crítico, alçando-nos para além do gesto vazio, a atitude inconsistente e o discurso uniforme.

Gabriela Kvacek Betella e Jean Pierre Chauvin